

A CONCEPÇÃO DE CORPO DOS ACADÊMICOS DO CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM EDUCAÇÃO FÍSICA, INGRESSANTES E CONCLUINTES DO PROCESSO DE FORMAÇÃO DA UNEB - CAMPUS XII – GUANAMBI.

¹Priscylla Teixeira Lima

²Ana Paula Fernandes Fagundes da Silva

³Sebastião Carlos dos Santos Carvalho

RESUMO

O estudo em questão se propôs analisar as concepções de corpo dos acadêmicos ingressantes e concluintes do curso de Educação Física no processo de formação, na tentativa de identificar as relações estabelecidas entre corpo, mídia e a educação física. Para isso, realizou-se uma pesquisa de campo de caráter comparativo-qualitativo com vinte e três acadêmicos, sendo onze ingressantes e doze concluintes do curso de Licenciatura Plena em Educação Física da Universidade do Estado da Bahia- Campus XII. Como instrumento para coleta de dados foi utilizado um questionário contendo seis questões abertas e sua interpretação se efetivou a partir da análise de conteúdo. Os resultados apontaram para uma perspectiva ainda fragmentada sobre concepção de corpo dos ingressantes, com relação aos concluintes, que mencionam discussões amplas e reflexivas a acerca das temáticas. Diante deste contexto, cabe então à Educação Física questionar o papel que vem assumindo na sociedade contemporânea, principalmente frente à idolatria e fragmentação do corpo, buscando entendê-lo com base em sua construção e manifestação histórica, cultural, estética, política e social.

PALAVRAS-CHAVE: Concepção de corpo. Acadêmicos. Educação Física. Formação.

INTRODUÇÃO

A concepção de corpo sempre esteve atrelada aos valores predominantes em cada momento histórico da sociedade. Nos últimos anos, os debates relacionados a este tema tomaram grandes proporções tornando-se de extrema importância,

1 Graduanda em Licenciatura Plena em Educação Física da Universidade do Estado da Bahia- Campus XII. E – mail: pris_cylla_t_l@hotmail.com

2 Graduanda em Licenciatura Plena em Educação Física da Universidade do Estado da Bahia- Campus XII. E – mail: paulinhafernandesgbi@hotmail.com

3 Professor Especialista da Universidade do Estado da Bahia. E – mail: tiaocarvalho_1@hotmail.com

principalmente, àqueles que lidam com o mesmo em diferentes espaços sociais, dentre eles a escola.

Segundo Nicolino (2010, p.439) na “atual conjuntura, privilegia-se a aparência física como definidora da representação social do mesmo, a busca por um corpo belo, esculpido e delineado, requisitos e atributos importantes para melhor aceitação social”, em que não alcançar este ideal propagado pelo discurso midiático contemporâneo, gera um sentimento de culpa, de irresponsabilidade, o que acaba justificando a utilização de inúmeros métodos de intervenção, sejam eles exercícios físicos ou cirurgias.

Neste contexto, é fundamental questionar e repensar criticamente as concepções de corpo presentes na área. Assim, ao consultar a biblioteca do Departamento de Educação Campus XII, da Universidade do Estado da Bahia, percebeu-se que apesar do crescente número de publicações relacionadas a esta temática nos últimos anos, não havia no Departamento trabalhos/publicações com este enfoque, fato que reforça a necessidade do estudo em questão.

O foco dessa pesquisa voltou-se para o conhecimento e análise das concepções de corpo dos acadêmicos do curso de Educação Física no processo de formação, na tentativa de identificar as relações estabelecidas entre corpo, mídia e a educação física. Buscou-se identificar as relações estabelecidas dentro deste contexto, tendo a pretensão de contribuir para uma reflexão sobre a formação destes profissionais.

Para melhor compreender que tipo de relação a Educação Física estabeleceu historicamente com o corpo foi realizado um breve apanhado na literatura pertinente a essa discussão.

SITUANDO O CORPO NA HISTÓRIA

A atenção e os cuidados com o corpo foram ou não se adaptando a mudanças de valores e interesses políticos, sociais e econômicos de acordo com os objetivos a serem alcançados em cada sociedade (CARVALHO, 2001; MUGNAINE, 2007). As concepções sobre ele, elaboradas durante o período medieval não resultaram unicamente de uma ruptura com os modelos da Antiguidade Clássica. Os

modelos corporais, os valores e a utilização do mesmo se transformam, mas também guardam o registro de sensibilidades vindas de épocas diferentes. Algumas concepções presentes nos séculos I e II prepararam o terreno para as concepções cristãs durante o período medieval conforme elucida Sant'Anna (2001).

Na Idade Média “o corpo era percebido como centro dos acontecimentos, tendo uma idolatria divina sobre ele e uma conseqüente separação do corpo profano e espírito-mente (cogito) sagrado” (GONÇALVES; AZEVEDO, 2007, p.204). Assim, a moral cristã impedia qualquer tipo de prática corporal com fins de culto ao corpo, pois o mesmo poderia tornar a alma sagrada, em impura. Por muito tempo este pensamento se mantém presente nos pensamentos dos filósofos antigos e medievais.

De acordo Medina (1991), com o “cogito cartesiano” de Descartes é a mente quem passa a ser privilegiada em detrimento a matéria, dando a entender que estas são coisas separadas e distintas. Este fato exerceu grande influência sobre o pensamento ocidental, ensinando-nos a valorizar mais o trabalho intelectual do que o manual e a aprendermos de modo fragmentado, sem possuir a compreensão do todo.

“Na Renascença, o significado [do corpo] passa a ter bases científicas, servindo de objeto de estudos e experiências, no qual a disciplina e o controle corporais eram preceitos básicos” (GONÇALVES; AZEVEDO, 2007, p. 205). Assim, todas as atividades físicas a ele relacionadas eram prescritas por regras rígidas, buscando a saúde corpórea.

Na Idade Moderna devido ao desfacelamento da estrutura feudal e a desestruturação de poder da Igreja Católica, surge um novo modo de pensar o homem e sua relação com o corpo. Este novo contexto traz um modelo de “corpo-máquina”, socialmente oprimido, manipulável e domesticado (HUNGARO, 2008).

Segundo o Coletivo de Autores (1992), a Europa em fins do século XVIII e início do século XIX tornou-se palco da edificação e materialização de uma nova sociedade onde os exercícios físicos tiveram um papel de destaque. Nesse contexto, a nova sociedade exigia a construção de um novo homem, que atendesse às suas necessidades.

É dentro deste contexto que de acordo com Soares (2001), a Educação Física (Ginástica) surge a serviço dos interesses do modo de produção capitalista, como um meio/ disciplina que deve ser capaz de viabilizar a construção deste novo

homem. Forte, viril e adestrado que atenda aos interesses da nova burguesia em ascensão. Ela deve cuidar “igualmente dos aspectos mentais, intelectuais, culturais e físicos”, devendo ser viabilizada em todas as instâncias para a consolidação deste novo homem, seja no “campo, na fábrica, na família, na escola” (SOARES, 2001, p. 05), desempenhando assim, seu papel disciplinador e moralizador.

A autora elucida ainda que a Educação Física passa a se ocupar de um corpo a - histórico, “meticulosamente estudado e cientificamente explicado”, dentro de uma visão positivista, negando-se o funambulismo, as prática circenses ou qualquer outra prática que levasse o homem a indolência, letargia, imoralidade. E por muito tempo, ela estará a serviço dos ideais médico-higienistas e do eugenismo, promovendo a assepsia social, moralizando a sociedade, “melhorando e regenerando a raça”. Desse modo, cuidar do corpo significava também “cuidar da nova sociedade em construção, uma vez, que a força de trabalho produzida e posta em ação pelo corpo [era] fonte de lucro” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 51).

No século XX como retrata Costa e Otesbelgue (2011), a sociedade capitalista traz consigo uma contradição que ainda se faz presente em nossas estruturas sociais. Por um lado, o individualismo exacerbado, por outro, a busca de uniformização dos pensamentos, sentimentos e ações humanas. Neste contexto, cada vez mais a padronização de corpos, o narcisismo e a transformação do mesmo em mercadoria crescem, tornando-o palco de experiências, mutilações e ‘consertos’, para melhor atender a produtividade corporal e um padrão socialmente aceito como o “ideal”.

E NA CONTEMPORANEIDADE, QUE OU QUAIS FACES ASSUMEM O CORPO EM RELAÇÃO À EDUCAÇÃO FÍSICA?

Como já mencionada anteriormente a influência médico-higienista foi marcante no século XIX e início do século XX. Segundo Bracht (1999), no Brasil, esse pensamento exerceu grande influência sobre a sociedade, onde a Educação Física foi vista como a “síntese perfeita da educação e da saúde”, colaborando para formar um indivíduo produtivo, robusto e saudável. Posteriormente, ela serviu a preceitos militaristas (1930 a 1945), ao competitivismo voltando-se à técnica e ao

desempenho (1964), e, a partir da década de 80 e 90, incorporou discursos das áreas humanas e sociais possibilitando a abertura de uma postura mais crítica, ou progressista, sobre o corpo e a própria Educação Física como elucida Silva *et al.* (2009).

Para os autores supracitados, a popularização das academias de ginástica e das atividades de fitness em fins dos anos 80, vinculou a Educação Física ao fenômeno do culto ao corpo. Este fato vem ganhando hoje cada vez mais destaque dentro da lógica de produção capitalista que evidencia a todo o momento, principalmente através do discurso midiático, a preocupação com a aparência corporal. Para Darido e Rangel (2005 apud SILVA *et al.* 2009 p.112):

a preocupação com o corpo “saudável”, evocada atualmente, possui pressupostos e finalidades semelhantes ao modelo biológico higienista, com caráter renovado. Assim, o trabalho do corpo nas perspectivas de saúde, estética ou qualidade de vida, hegemonicamente baseadas nas ciências biológicas, vem a se constituir em outra significativa marca no contexto da Educação Física, tendo sido freqüentemente utilizadas como argumentos para justificar sua intervenção.

Talvez, mas do que em qualquer outro momento histórico o corpo ocupa hoje uma posição de destaque no seio da sociedade sofrendo inegáveis influências da mesma, como assinala Medina (1991 p.91):

[...] há de uns tempos para cá [...] uma tagarelice sobre o corpo, uma verdadeira avalanche de discursos que, ao hipertrofiar as partes, dilui o essencial. [Ele] virou fetiche e, no modelo de sociedade em que vivemos o fetiche sempre vira mercadoria e é por aí que ele entra no mercado para ser consumido. O ‘lócus’ deste discurso sobre o ‘corpo-saudável’ acompanha os interesses de um sistema adoecido.

No decorrer dos últimos anos a tentativa de torná-lo cada vez mais “independente” e mais “belo” vem ganhando um número de adeptos cada vez maior. Reconstruí-lo mediante ao auxílio dos avanços científicos e tecnológicos de modo a ganhar mais juventude e saúde não deixa de ser uma promessa fascinante a diferentes épocas da civilização, mas foi na atual sociedade que o corpo conquistou

um espaço inédito na mídia e uma banalização importante no cotidiano tanto das grandes quanto das pequenas cidades (SANTANA, 2001 apud SOARES, 2001). Como retrata Severiano (2008 apud LE Breton, 2003, p. 4):

[...] no percurso incansável por este corpo ideal [...], surge o corpo dócil, submisso, que sofre com normas e métodos rigorosos, constituídos por cálculos, renúncias e sacrifícios em prol da tão sonhada forma estética. Trata-se, aqui, da eterna busca de definição de um “corpo rascunho”, o corpo que está sempre por ser refeito, nunca, portanto, concluído: amontoado estável e assimétrico de pele, músculos, ossos e cabelos, eternamente em busca do desenho perfeito a ser modelado pelos signos de consumo.

Almeida *et.al*, (2006) assinala que cirurgias a laser, implantes, silicone, anabolizantes, práticas corporais dentre outras, compõem hoje um arsenal que vem redimensionando-o numa velocidade espantosa, sobretudo mediante ao apelo da indústria cultural, que como um “polvo mutante”, cria novos braços e estratégias para a geração e a venda de bens de consumo, assim como a cooptação dos indivíduos a seus valores.

A Indústria Cultural é aqui entendida como

o conjunto de meios de comunicação como, o cinema, o rádio, a televisão, os jornais e as revistas, que formam um sistema poderoso para gerar lucros e por serem mais acessíveis às massas, exercem um tipo de manipulação e controle social, ou seja, ela não só edifica a mercantilização da cultura, como também é legitimada pela demanda desses produtos (COSTA *et.al*. 2003, p.2).

Assim, cria-se a todo instante necessidade de consumo dentro de uma cultura que privilegia a aparência física como definidora da “representação social do corpo”, e que incentiva a busca por um corpo “belo”, esculpido e delineado, apontado como o “ideal” como sinônimo de saúde e de uma melhor aceitação social. Diante deste contexto, a Educação Física deve constituir-se em um espaço que oportunize aos discentes a compreensão crítica e o questionamento a essa

“idolatria” narcisista de corpo; à Educação Física entendida como produtora de saúde vinculada socialmente na contemporaneidade.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho está fundamentado em uma pesquisa direta de campo de cunho comparativo - qualitativo. A pesquisa de campo é “aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese que se queira comprovar,” (LAKATOS; MARCONI, 1991, p.186). Enquanto a pesquisa qualitativa procura entender os fenômenos que empregamos no nosso dia - a - dia, na perspectiva dos participantes estudados (NEVES, 1996).

Como instrumento para levantamento dos dados utilizou-se o questionário por entender que o mesmo deixaria os participantes da pesquisa mais livres para explanarem suas opiniões. O roteiro foi elaborado pelas autoras a partir do diálogo com a literatura. O mesmo conter seis questões abertas, com pontos referentes ao objetivo do estudo.

Procedeu-se, então, à coleta dos dados, através da aplicação de questionários a vinte e três acadêmicos, sendo distribuídos de forma aleatória com adesão voluntária, para onze ingressantes e doze concluintes 2012.1 do Curso de Licenciatura Plena em Educação Física, da Universidade do Estado da Bahia – Campus XII – Guanambi, com a população de cinquenta e um ingressantes e quarenta e oito concluintes.

Somente responderam aos questionários aqueles que consentiram em participar da pesquisa, conforme as diretrizes éticas para esse tipo de estudo. A aplicação dos questionários ocorreu nas salas dos ingressantes e concluintes, com terno autorização institucional da universidade.

A interpretação dos dados se efetivou a partir da análise de conteúdo, mediante o estabelecimento de três temáticas: Concepção de corpo, Visão de corpo pela sociedade e Trato com corpo pela Educação Física.

A análise do conteúdo segundo Bardin (1977 citado por GIL 2006) compreende três fases: a pré-análise (organização), exploração do material (administrar as decisões tomadas na pré-análise) e tratamento de dados, inferência e interpretação (tornar os dados válidos e significativos).

Para contextualizar cada temática foi utilizado o referencial teórico. As respostas de todas as questões foram agrupadas de acordo com as temáticas, sendo analisada a partir dos critérios de repetição e de relevância (TURATO, 2003).

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Concepção de Corpo

Na primeira questão, o objetivo era saber qual a sua concepção de corpo, os ingressantes relacionaram – o de tal forma:

Corpo é um conjunto de membros, formados por células que em conjunto formam essa estrutura física chamada corpo físico e em suas demandas, se divide em físico (órgãos e membros) e psíquico (mente) capaz de pensar e agir com autonomia. (ingressante 1).

É todo o meio físico que constitui o meu eu. Na visão de mundo o corpo seria uma espécie de embalagem de produto, ele sendo bonito, terá uma influência positiva sobre o todo. (ingressante 8)

Percebe-se nos depoimentos acima, que os ingressantes possuem visões muito superficiais sobre a referida temática, que o veem apenas como um conjunto de estruturas que formam um físico, e um ser psíquico onde prevalece a outra parte constituída pela mente. É notório que o discurso midiático está presente tornando corpos humanos em meros objetos.

Compressões essas vindas do histórico dualismo corpo-alma e corpo-mente que para Romero (2005, p. 37 apud SILVA, 2009) é a partir dele “que a civilização se faz e se impregna de divisões. Divisões essas nitidamente presentes na Educação Física de hoje.” Nos dias atuais, “o corpo é um simples suporte da

pessoa, um objeto dissociado do homem, uma estrutura passível de ser modificada, cujas peças podem ser substituídas” como cita Silva (2009).

Diante da mesma questão os concluintes mencionaram:

O corpo não é somente um pedaço de carne que se move, somos corpos pensantes, dotados de sentimentos, emoções, expressões e dores (concluente 1).

Corpo sujeito, que possui características individuais. Diferentes do corpo objeto massificado pela sociedade (concluente 2).

Hoje tenho entendimento que o corpo tomou denotações diferentes ao longo da história, onde não é um objeto “escravo da mente”, mas sim eles correlacionam-se (concluente 6).

Pode ser constatado que os concluintes possuem uma maior maturidade ao tratar do tema proposto, visto que os mesmos deixam de lado o discurso midiático e partem para discussões mais aprofundadas adquiridas ao longo da vida acadêmica, cujo o corpo deixa de ser apenas estruturas e ganha denotações diferentes. Como elucidada Medina (1990, p.24) o “corpo é o próprio homem e como tal não pode ser somente um objeto, mas sim o sujeito, o produtor e o criador da história.” No decorrer dos séculos essas concepções sobre corpo foram construídas, além dos mesmos ser transformado em objeto manipulável pela produção capitalista que evidencia a todo o momento, principalmente através do discurso midiático.

Depois de confrontarmos as respostas foi observado a falta de uma visão mais ampliada e argumentos para uma discussão mais elaborada por parte dos ingressantes. Diante das concepções de corpo os concluintes conseguem criticar e discutir os conceitos sobre corpo veiculados pela mídia, devido a sua trajetória dentro da universidade que proporcionou uma reflexão acerca da Educação Física.

Visão de corpo pela sociedade

Com base na questão quais os modelos de corpo perfeito veiculados pela mídia, foi possível averiguar que todos os ingressantes participantes da pesquisa

conseguiram perceber e fizeram críticas à imposição, pela mídia, de um ideal de corpo a ser atingido, e, a transformação dele pela sociedade, em mercadoria a ser consumida, como se verifica nas falas abaixo:

Para a mídia, “corpo perfeito” é um corpo bem definido para homens e mulheres, com formas estruturais, magros e definidos. Se não estamos dentro dos padrões tidos como “corpo perfeito,” recebemos críticas influências na auto-estima, no comportamento, é uma imposição injusta que acaba por envolver a maioria das pessoas (ingressante 1).

A mídia divulga um produto, que imediatamente se expande por toda a sociedade. A ideia de corpo perfeito se torna pelo exterior: seios perfeitos, sem gorduras, a beleza estética e mais importante do que a saúde. O modelo imposto pela mídia tornar-se referencial e obrigatório, de certa forma, á todos (ingressante 2).

Os modelos de corpo veiculado pela mídia e um corpo bem definido, isso acaba prejudicando a construção da imagem corporal, que tenho em mente, onde as pessoas buscam a perfeição a cada dia, e colocando sua saúde em risco, para agrada a sociedade e ser aceita por ela (ingressante 11).

Diante da mesma temática os concluintes relatam:

A mídia coloca como “corpo perfeito” aquele corpo magrinho com belas curvas, bumbum empinado, pernas torneadas, enfim um corpo malhado. Esses modelos de “corpo perfeito” não interfere em nada na construção da minha imagem corporal por que sou feliz com o corpo que tenho e ele não está dentro dos padrões que a mídia e os centros de treinamento estabelecem não to nem aí pra isso se to feliz com meu corpo é isso que importa. Vejo isso como uma “**fuleragem**”¹ a gente tem que ter o corpo do jeito que nos sentimos bem e não o corpo que algo impõe dizendo que é o “corpo perfeito” (concluente 5).

O corpo perfeito vinculado pela mídia se configura em um corpo objeto, onde o mesmo deve seguir os parâmetros de medidas voltados a um corpo magro. (concluente 7).

Além das visões e constituições estabelecidas e postas pela mídia. Em busca do corpo perfeito através da estética e está necessariamente não se coloca vinculada a melhora qualidade de vida, da saúde, do bem-estar, e sim a formação de um corpo belo, robusto (concluente 8).

¹Resenha, coisa sem fundamento.

A mídia estabelece um padrão de corpo perfeito de homens e mulheres, com formas estruturais de músculos a mostra. Além de divulgar seu produto de bens de consumo, que auxiliam na busca de um corpo ideal, com o intuito de formar um corpo único como postula Nicolino (2010, p.439), que “a busca por um corpo esculpido e delineado, requisitos e atributos importantes para melhor aceitação social”, onde não alcançar este ideal propagado pelo discurso midiático contemporâneo, gera um sentimento de culpa, de irresponsabilidade, o que acaba justificando a utilização de inúmeros métodos de intervenção, sejam eles exercícios físicos, cirurgias a laser, implantes, silicone, anabolizante e medicamentos.

Foi notado nas falas dos ingressantes, que os modelos de corpo perfeito na construção da imagem corporal influencia os mesmos, de tal modo que passam a ver como modelo de corpo a ser seguido, mesmo tendo em mente a sua própria imagem corporal. Com relação aos concluintes estão satisfeitos com seu próprio corpo, demonstrando nas respostas pouca influência em suas vidas a partir do veículo midiático em questão. Além de relatarem a preocupação com o corpo voltado para melhor qualidade de vida, a saúde e o bem estar.

Trato com o corpo pela Educação Física

Após o ingresso no curso, apenas três ingressantes relataram que sua compreensão sobre corpo mudou com pouco tempo como universitário. Veja nas falas abaixo:

Antes eu pensava que apenas pessoa com um tipo corporal bem definido poderia ingressar e exercer essa profissão de educador físico, e agora vejo que não (ingressante1).

Acreditava que só era saudável aquele que era musculoso. Mais entrei em contato com outras realidades e chequei ao ponto de que o corpo não é um produto, mais sim, um bem nosso (ingressante 3).

Agora eu reflito sobre o que é corpo. Com pouco tempo como universitário, já pude perceber dimensões de corpo que nunca havia pensado antes (ingressante 4).

Ao serem questionados de que forma o corpo deve ser tratado pela Educação Física, os ingressantes mencionaram:

Devem ser tratados de forma inclusiva, visando a melhora na qualidade na vida das pessoas, fazendo com que as pessoas mudem essa visão de que “corpo perfeito” é aquele bem definido, mas sim um corpo saudável (ingressante 1).

A educação física busca educar o corpo, fazer dele saudável, a postura, a força, a agilidade, o bem estar do corpo (ingressante 3).

Que o corpo, o belo e a saúde, tendem agir juntos um depende do outro (ingressante 2).

O corpo deve ser tratado como um bem estar, saúde e não como modelo (ingressante 11).

É possível identificar nas falas acima, que ainda há ranços de uma visão de Educação Física com ideais higienistas que tinham como finalidade moralizar a sociedade, melhorar e regenerar raças (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Outra resposta mencionada pelo ingressante (7) é que a Educação Física deve abordar o corpo em toda sua totalidade. Ainda percebe-se certa dicotomia no entendimento que o mesmo tem sobre o corpo:

A Educação Física deve ser tratada em toda sua totalidade “corpo e mente” (ingressante 7).

Após o ingresso no curso as compreensões sobre o corpo dos concluintes mudaram em relação aos novos conhecimentos, que são oferecidos, discutidos, levando-os a possuírem novas visões em termos de concepções e percepções de corpo, passado adquirir um senso crítico mais amplo e reflexivo. Veja:

Pude perceber com o curso que o corpo é mais que um objeto ele se torna um sujeito a partir no momento que se percebe no mundo como se pensante (concluinte1).

Após o ingresso no curso passei a ter uma visão mais ampla em relação ao corpo. Entender como esse corpo é vinculado pela mídia foi construído, e compreender melhor a concepção de corpo (concluente 9).

Impossível não mudar, pois novos conhecimentos são oferecidos, discutidos e novas percepções são feitas, observadas, e diante disso a compreensão sobre corpo é formada e também desenvolvida (concluente 11).

Os concluintes mencionam respostas com conceitos diferenciados de como corpo devem ser tratado pela Educação Física. Veja nas falas abaixo:

A Educação Física tem um papel importante na formação do indivíduo e na ampliação da visão de sociedade e do corpo (concluente 4).

O corpo sofreu denotações diferentes através da história. Esses corpos históricos criaram elementos que foram passados por gerações, tais elementos são considerados os elementos da cultura corporal que foi produzido historicamente pelo homem devem ser acessíveis para os outros homens. A Educação Física tem o papel de disseminar de maneira pedagógica esses elementos da cultura corporal (concluente 6).

A Educação Física por ser o principal elemento em que tem o “movimento” como principal foco, acaba por vincular-se integralmente ao corpo imparcial do indivíduo. Devendo ser tratado e discutido com características, distinções de ser para ser, sem parcialidade física e psicológica, sempre posta pela sociedade, principalmente pelo produto da mídia (concluente 8).

Como corpo que fala, transmite, deve ser considerado como tal, sem preconceitos, restrição independente de qualquer situação. E como professores deveram tratar a concepção de corpo na escola, de forma que os alunos possam discutir e analisar de forma crítica (concluente 11).

O concluente (6) faz uma discussão ampla sobre o corpo, desde Antiguidade até Contemporaneidade. Durante esses períodos o mesmo foi adaptando a mudanças de valores e interesses políticos, sociais e econômicos de acordo com os objetivos a serem alcançados em cada sociedade (CARVALHO, 2001; MUGNAINE, 2007).

Foi verificado nos relatos dos ingressantes uma visão de Educação Física com ideais higienista, além de certa dicotomia no entendimento sobre o corpo. E os concluintes trazem argumentos coerentes acerca do tema.

CONSIDERAÇÕES

A pesquisa visou à análise das concepções de corpo de ingressantes e concluintes do curso de educação física, equiparando seus conhecimentos ao longo do processo de formação.

Os resultados obtidos ao final do estudo estabeleceram uma relação com o objetivo inicialmente estipulado pela pesquisa. Foi satisfatório, encontrando dificuldade apenas na coleta de dados já que alguns acadêmicos não responderam ao questionário proposto.

Durante os relatos foi perceptível que os ingressantes possuem visões fragmentadas no que se referem ao corpo, ora divide o corpo em estruturas físicas e psíquicas ora o trata em sua totalidade deixando prevalecer a dicotomia e respaldam muito em discursos midiáticos, não tendo maturidade para o discernimento, também pelo fato de ter curto espaço de tempo de ingresso no curso. Com relação aos concluintes que já passaram por uma série de discussões amplas e reflexivas ao longo da vida acadêmica, garantindo maturidade acerca do tema, deixando de lado essa dicotomia que tanto prevalece nas falas dos ingressantes e vendo o corpo em toda sua totalidade, sabendo que não é possível dividi-lo, visto de maneira mais ampla, não apenas como físico, mas o corpo toma denotações ao longo de toda a sua história e ganha aspecto total, a mídia já não ganha mais tanto status, isso são reflexos de uma trajetória dentro da universidade que traz maturidade, discernimento e reflexão para esses acadêmicos.

Vale ressaltar que a universidade contribui muito para a formação, trazendo pensamentos e reflexões, desmistificando o que a sociedade acredita, dando aos mesmos condições de tecer discussões mais aprofundadas, questionar e repensar criticamente as concepções de corpo presentes nesta área e a quem ou quais interesses ela serviu e vem servindo.

Abstrai-se da pesquisa um importante papel da Educação Física questionar o papel que vem assumindo na sociedade contemporânea, principalmente frente à idolatria e fragmentação do corpo, buscando entendê-lo com base em sua construção e manifestação histórica, cultural, estética, política e social.

Talvez seja o momento do curso de Educação Física da Universidade do Estado da Bahia do Departamento de Educação- Campus XII, repensar sua matriz

curricular e/ou a disposição de componentes curriculares a exemplo dos Aspectos Filosóficos da Educação Física, que é trabalhado no primeiro semestre quando ainda não há maturidade suficiente para se estabelecer um diálogo mais aprofundado sobre temáticas de grande relevância para uma formação crítica e consciente do corpo discente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana C. N et al. **Corpo, estética e obesidade: reflexões baseadas no paradigma da indústria cultural.** Estudos. Goiânia: Ed. da UCG, v. 33, n. 9/10, set./out. 2006, p. 789-812.

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Caderno Cedes**, Campinas, SP, v. 19, n. 48, p. 69-88, ago. 1999.

CARVALHO, Yara Maria de. **Corpo e História: o corpo para os gregos, pelos gregos, na Grécia Antiga.** In: SOARES, Carmen Lúcia (org.). *Corpo e História.* - Campinas, SP: Autores Associados, (2001), pp.164-175.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992.

COSTA, Alda Cristina Silva da. **Indústria cultural: revisando Adorno e Horkheimer.** *Movendo Idéias*, Belém, v8, n.13, p.13-22, jun 2003.

COSTA, Érika Mendes; OTESBELGUE Renata Caetano. **Concepção de corpo: a realidade vivida por acadêmicos de Educação Física na ESEFFEGO.** EFDeportes.com, Revista Digital. Ano 16 · Nº 156 | Buenos Aires, Maio de 2011. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/> Acesso: 15/09/2011.

CRUZ, P. P. **Culto ao corpo: as influências da mídia contemporânea marcando a juventude.** 2008 Disponíveis: HTTP: www.google.com.br. Acesso: 02/07/2012.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. Ed.-2. reimpr. - São Paulo: Atlas. 2006.

GONÇALVES, A. S.; AZEVEDO, A. A. **A re-significação do corpo pela Educação Física Escolar, face ao estereótipo construído na contemporaneidade.** *Pensar a Prática* 10/2: 201-219 jul./dez. 2007.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 3 ed.rev. e ampl.- São Paulo: Atlas, 1991.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade.** Campinas: Papirus, 2003.

MATTOS, Mauro Gomes de. **Teoria e prática da metodologia da pesquisa em educação física**: Construindo seu trabalho acadêmico: monografia, artigo científico e projeto de ação - São Paulo: Phorte, 2004.

MEDINA, João Paulo S. **O brasileiro e seu corpo**: educação e política do corpo. 3. Ed. Campinas: Papirus, 1991.

MUGNAINI, Joacir Rogge. **Atividades físicas e o corpo na concepção de graduandos de Educação Física**: uma análise das práticas corporais de universitários da região de Limeira. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista, 2007.

NEVES, José Luiz. **Pesquisa qualitativa _ características, usos e possibilidades**. São Paulo. V.1 N.º3, 2º sem. 1996.

NICOLINO, Aline da Silva; WANDERLEY, Lara; OLIVEIRA, Valleria Araujo. **Concepções de corpo, educação e Educação Física no contexto escolar**. IV Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte. I Congresso Distrital de Ciências do Esporte. ISSN 2178-485X. Disponível em: <http://www.scielo.com.br> . <UF>. Acesso em: 16/09/2011.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **É possível realizar uma história do corpo?** In: SOARES, Carmen Lúcia (org.). **Corpo e História**. - Campinas, SP: Autores Associados, (2001), pp. 3-23.

SANTOS, V. R. e SILVA, M. L. **A relação entre saúde , corpo e mídia na compreensão de alunos de uma escola pública de Aracaju –se a partir da Telenovela “malhação”**. V Colóquio Internacional “Educação Contemporaneidade” <http://www.google.com.br>. Acesso: 21/06/2012.

SEVERIANO, Maria de Fátima Vieira. **O corpo ideal em tempos hipermodernos: moderações em excesso**. – 2008 – Disponível em: <http://www.fundamentalpsychopathology.org/8_cong_anais/MR_389b.pdf > Acesso em: 18/06/2009.

SILVA, Alan Camargo et al. **A visão de corpo na perspectiva de graduandos em Educação Física**: fragmentada ou integrada? Movimento (ESEF/UFRGS). Porto Alegre, v. 15, n. 03, p. 109-126, julho/setembro de 2009

SILVA, Daniella Rocco; HÚNGARO, Edson Marcelo; SOLAZZI, José Luis. **Cultura Corporal Brasileira**: as similitudes com a cultura corporal européia. IN: HÚNGARO, Edson Marcelo (org). **Esporte, educação, corpo e saúde: apontamentos críticos**. Ed: Santo André, SP: Alpharrabio, 2008.

SOARES, Carmem Lúcia. **Educação Física**: raízes européias e Brasil.- 2. Ed.rev.- Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa:** construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.